



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17682 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GE Corpo e Educação

O ensino de história e suas contribuições para a noção do corpo e suas subjetividades: sujeitos sócio-históricos

Sidnei Júnio São José - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A NOÇÃO DO CORPO E SUAS SUBJETIVIDADES:

SUJEITOS SÓCIO-HISTÓRICOS

Cientes da necessidade de se pensar o ensino de História em sua complexidade, buscaremos discutir as possibilidades dessa atuação, colocando como problema central a noção de sujeito histórico. Isso conjura o entendimento da consciência de si na história, principalmente da compreensão das subjetividades em uma relação com o próprio corpo. Diante disso, nosso objetivo é analisar a concepção de educação universal presente na Constituição de 1988, tomando-a como fonte de análise. Cruzando-a com os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997, cabe-nos uma aproximação das questões acerca das contribuições da disciplina História na formação dos sujeitos, com respeito às diversidades.

O ensino de História necessita de abordagens que possam romper com a noção de conteúdos curriculares mais disciplinares, posto que, na educação básica, os conhecimentos a serem apreendidos estão ligados menos a conteúdos e mais a habilidades necessárias ao que entendemos como parte do arcabouço da cidadania e da formação de si. A consciência do corpo e da própria materialidade que nos compõe enquanto indivíduo se relaciona com a ideia de que os indivíduos são agentes históricos de nossa sociedade. Neste âmbito principalmente, os sujeitos são vistos como atores sócio-históricos, sendo esse tema uma questão central para a formação de si e o modo como entendemos ser preciso atuar o docente de história. Há de se

considerar que os corpos, em historicidade, não têm neutralidade. Seguindo uma leitura em que Bourdieu trata sobre o Estado e suas formas de dominação e coerção dos sujeitos, tomo o entendimento de que noções gerais sobre os corpos e a forma dos sujeitos sociais são elementos que se vinculam às tramas e disputas de formação da sociedade.

Ressalto, portanto, que ao tomar como *corpus* documental os textos oficiais (Constituição, leis, PCNs, currículos etc.) e debates educacionais da área de História, entre 1988 e 2017, buscamos investigar em que medida os temas relacionados ao corpo e às subjetividades aparecem como centrais. Segundo lógica e debate social já bem alicerçado desde o fim da década de 1990, é importante lidar com a historicidade que auxilie os sujeitos na construção de ideias plurais sobre si mesmos, garantindo o princípio da alteridade e diversidade, direitos estes que também são assegurados pela Constituição de 1988 e que parecem nortear o exercício da docência em História no ensino básico.

Ciente dessas questões, por um lado, discutiremos o sentido de uma educação libertária por meio do ensino de História, e por outro, o conceito de poder e as implicações deste nos sujeitos. Para melhor compreensão da forma sob a qual o corpo é visto como objeto ou alvo de poder, Foucault trata da submissão e adestramento do corpo segundo uma lógica na qual o poder disciplinar ou de controle se exerce sobre o corpo. Esse mecanismo disciplinar que visa tornar o corpo objeto obediente e útil, sustenta as maneiras de coerção definidas pela maquinaria de poder.

Em paralelo com essa análise, Marcel Mauss, ao tratar sobre as técnicas do corpo, nos ajuda a criar possibilidades de entendimento sobre a forma de adestramento do corpo, um condicionamento culturalmente construído. Assim sendo, talvez possamos dizer que uma educação para a autonomia deve embasar suas concepções na noção de respeito à subjetividade dos sujeitos. Para entender melhor o conceito de técnicas do corpo, Esposito também analisa a teoria de que o corpo humano é atravessado pela técnica, o que nos ajuda a compreender como a biopolítica imprime no corpo humano suas marcas de poder que condicionam os sujeitos à subjetividade ou a morte. O argumento de Esposito se ancora na concepção de Foucault ao abordar o poder disciplinar dos corpos, explicitando que somos seres sociais subjugados a uma lógica de poderes que conduzem a sociedade. Isso significa também que não há no corpo nada que seja natural, pois a própria compreensão do corpo é social e historicamente determinada.

Quanto às discussões em torno do ensino de História no nível básico, considero importante pensar e compreender a proposta abordada em “Questões desestruturantes do

ensino de História”. Pensar o ensino de História segundo uma lógica que problematiza os marcadores temporais que se ancoram em narrativas lineares, universais e excludentes, dizendo como essa perspectiva doméstica e disciplinar dos corpos é uma questão que precisa ser enfrentada. Assim, os parâmetros que já se mostram discutidos em debates da área de educação para lidar com a necessidade de um currículo mais abrangente e disposto a novas aberturas para o ensino de História. Isso não apenas coloca em questão a noção de alteridades, mas põe em xeque um ensino básico de História cuja lógica obedece aos parâmetros de conteúdos, como se entender uma linha de tempo (ainda tomada como universal) fosse o caminho para a construção de um percurso de formação do sujeito como cidadão, compreendendo-se como agente histórico e com o desenvolvimento de uma consciência do corpo e de suas subjetividades.

PALAVRAS CHAVE: corpo, ensino de história, subjetividades.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado: cursos no Collège de France (1989-1992)*. São Paulo: Cia das Letras, 2014. 573 páginas.

ESPOSITO, Roberto. Democracia Imunitária. in Bios: biopolítica e filosofia. Lisboa: Edições 70, 2010. Editado pela ufmg.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p. 133.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; PACIEVITCH, Caroline; SATURNINO, Edson Luiz; SEFFNER, Fernando; PEREIRA, Nilton Mullet. Questões desestruturantes no ensino de História. Porto Alegre: UFRGS, 2022.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. in Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.